

**Reflexões sobre o gênero vídeo-registros em Libras:
uma perspectiva decolonial**

*Reflections on the video-record genre in Brazilian Sign Language (Libras):
a decolonial perspective*

Isaías dos Santos ILDEBRAND¹

Resumo

Este artigo analisa o vídeo-registro em Libras como gênero acadêmico emergente, discutindo como seus protocolos de produção e validação podem tensionar ou reproduzir estruturas colonialistas do conhecimento. Parte-se da ideia de que sua materialidade multimodal desafia paradigmas grafocêntricos da academia. Metodologicamente, realiza-se uma revisão reflexivo-crítica baseada na colonialidade do poder, no delinking epistêmico e na ecologia de saberes, articuladas às epistemologias surdas. Os resultados indicam que o vídeo-registro pode operar como prática de insurgência epistêmica, mas também reproduzir colonialidades quando submetido a critérios não adaptados às gramáticas visuoespaciais. Conclui-se que sua legitimação exige redefinir parâmetros de rigor científico a partir de referenciais surdos e decoloniais.

Palavras-chave: Vídeo-registro. Gênero acadêmico. Libras. Decolonialidade. Multimodalidade.

Abstract

This article analyzes video-recording in Brazilian Sign Language (Libras) as an emerging academic genre, discussing how its production and validation protocols may either challenge or reproduce colonial structures of knowledge. It is grounded in the assumption that its multimodal materiality challenges graphocentric paradigms in academia. Methodologically, a reflexive-critical review is conducted based on the concepts of coloniality of power, epistemic delinking, and the ecology of knowledges, articulated with Deaf epistemologies. The results indicate that video-recording can function as a practice of epistemic insurgency, but may also reproduce colonialities when subjected to criteria not adapted to visuospatial grammars. It is concluded that its legitimization requires redefining parameters of scientific rigor based on Deaf and decolonial frameworks.

Keywords: video-record. Academic Genre. Brazilian Sign Language (Libras). Decoloniality. Multimodal Corpus.

¹ Doutor em Linguística Aplicada pela UNISINOS. Professor da Universidade Feevale - Escola de Aplicação (Novo Hamburgo/RS). E-mail: isaias.brand@gmail.com

Introdução

A consolidação do vídeo-registro em Libras como gênero acadêmico legítimo levanta uma questão fundamental: como os protocolos de produção e circulação desses materiais podem tanto desafiar quanto reproduzir as estruturas colonialistas do conhecimento científico? Esta revisão crítica examina como os vídeo-registros - enquanto gêneros (Cardoso, 2016) que articulam performatividade sinalizada e rigor metodológico - tensionam os padrões grafocêntricos da academia. Ao analisar desde corpora referenciais (como o da UFSC) até plataformas emergentes (SignON), evidencia-se que a materialidade multimodal dos vídeo-registros (com seus glossários sinalizados, citações visuais e estruturas não-lineares) oferece possibilidades únicas de delinking epistêmico, conforme proposto por Mignolo (2011). Contudo, paradoxalmente, sua institucionalização como gênero acadêmico enfrenta desafios duplos: a pressão por adaptar-se a normas editoriais tradicionais e o risco de que ferramentas técnicas (como anotação automatizada) invisibilizem variações dialetais e autoria surda. A pergunta central, portanto, desloca-se para que condições tornam o vídeo-registro não apenas um "objeto de estudo", mas um veículo de produção intelectual surda autônoma, capaz de reconfigurar as próprias bases do fazer acadêmico (Cardoso, 2016).

Para responder a essa questão fundamental, realizou-se uma revisão reflexivo-crítica da literatura, articulando três eixos teóricos centrais: a colonialidade do poder (Quijano, 2000), que revela como a hierarquização dos saberes persiste nas estruturas acadêmicas; o delinking epistêmico (Mignolo, 2011), que propõe a ruptura com paradigmas universais em favor de sistemas de conhecimento situados; e a ecologia de saberes (Santos, 2014), que defende a justiça cognitiva para epistemologias marginalizadas. A esses diálogos somam-se as epistemologias surdas (Ramos; Schiaffino, 2020; Taveira; ROSADO, 2018), as quais afirmam a experiência visual-gestual como núcleo legítimo de produção científica. Essa triangulação teórica permitiu analisar criticamente como os vídeo-registros em Libras são simultaneamente condicionados por e contestadores das normas acadêmicas. Ao examinar desde protocolos de anotação em corpora até critérios editoriais, a revisão evidencia que a materialidade dos vídeo-registros – quando orientada por esses referenciais – pode transformar-se em prática decolonial, desestabilizando noções ocidentais de autoria, textualidade e validação do conhecimento.

A colonialidade nos corpora de línguas de sinais manifesta-se de forma particularmente aguda no grafocentrismo metodológico e na marginalização das variantes periféricas. Como demonstra Quijano (2000), a matriz colonial do poder opera não apenas através da dominação política, mas também pela hierarquização dos sistemas semióticos, privilegiando a escrita alfabética como única forma legítima de produção e circulação do conhecimento. Nos corpora de Libras, esse viés se materializa quando protocolos de transcrição reduzem a riqueza multimodal dos sinais – que integram simultaneamente parâmetros manuais, expressões faciais e uso do espaço – a meras glosas escritas em português (Quadros, 2016). Paralelamente, como alertam Ramos e Schiaffino (2020), as variantes regionais periféricas (como as Libras rurais ou de comunidades surdas indígenas) frequentemente são excluídas dos grandes acervos ou tratadas como "desvios" em relação a um suposto padrão urbano-hegemônico. Essa dupla violência epistêmica – a redução grafocêntrica e a marginalização das diferenças – revela como os próprios instrumentos de documentação linguística podem, paradoxalmente, reproduzir as estruturas que pretendem combater, quando não submetidos a uma crítica decolonial radical.

Para mapear essas tensões entre colonialidade e insurgência epistêmica, esta revisão concentra-se em três estudos de caso emblemáticos: o Corpus Libras da UFSC, como exemplo de documentação nacional com participação comunitária; o projeto europeu SignON, que desenvolve ferramentas de tradução automatizada baseadas em inteligência artificial; e o DGS Corpus alemão, representante de modelos consolidados de anotação linguística. A análise desses acervos permitirá identificar como os protocolos técnicos (de coleta, transcrição e disseminação) podem tanto reproduzir hierarquias quanto abrir espaços para práticas decoloniais. Na sequência, o artigo se organiza em duas partes interligadas: primeiro, o "Arcabouço decolonial para o vídeo-registro", que discute os fundamentos teóricos da colonialidade, epistemologias do Sul e epistemologias surdas; e segundo, "Linguística de corpus em Libras", que examina criticamente as técnicas de anotação multimodal e seus desafios políticos. Essa estrutura busca demonstrar como a materialidade dos vídeo-registros - quando problematizada à luz desses referenciais - pode transformar-se em ferramenta de justiça cognitiva para a comunidade surda.

Método

Este artigo adota uma abordagem de revisão reflexivo-crítica de natureza teórico-analítica, orientada pela problematização do vídeo-registro em Libras como gênero acadêmico. O corpus analítico é composto por produções acadêmicas que discutem vídeo-registros e gêneros acadêmicos em Libras, epistemologias surdas e materialidade audiovisual, com destaque para Cardoso (2016), Taveira e Rosado (2018), Silva (2017), Ramos e Schiaffino (2020) e Carneiro e Cruz (2023), bem como por estudos sobre linguística de corpus em línguas de sinais (Quadros, 2016; Quadros; Abreu, 2017; Quadros; Sousa, 2021; Johnston, 2012; Johnston et al., 2015; Hodge; Goico, 2022). Integram também o corpus documentos institucionais e descrições técnicas associadas a projetos de corpora audiovisuais, como o Corpus Libras da UFSC, o DGS Corpus alemão e o projeto europeu SignON. A seleção dos materiais considerou sua recorrência e relevância para a discussão sobre colonialidade do saber, delinking epistêmico e justiça cognitiva (Quijano, 2000; Mignolo, 2011; Santos, 2014). A análise foi conduzida de modo interpretativo, articulando esses referenciais às especificidades da materialidade audiovisual e aos protocolos de documentação e anotação em Libras, com foco na problematização crítica dos critérios de produção, circulação e validação científica do vídeo-registro, sem pretensão de exaustividade empírica.

Arcabouço decolonial para o vídeo-registro: colonialidade, epistemologias do Sul e epistemologias surdas

Desde Quijano (2000) articulou a noção de colonialidade do poder, a crítica latino-americana passou a evidenciar que a dominação moderna não se limita às esferas econômica e política, pois persiste como matriz epistêmica que hierarquiza saberes, inclusive linguísticos. Enquanto os Estados-nação reproduzem epistemologias eurocêntricas, comunidades surdas têm seus repertórios visuoespaciais submetidos a processos de tradução colonial — seja pela mediação escrita, seja pela edição ouvinte-centrada de vídeos —, o que converte a Libras em artefato exotizado e aprofunda silenciamentos epistêmicos. Se, por um lado, a colonialidade sustenta a crença na superioridade de métodos grafocêntricos, por outro, ela torna invisíveis práticas discursivas visuais-gestuais, como aquelas inscritas nos vídeo-registros em Libras.

Portanto, ao investigar esse gênero acadêmico, faz-se necessário compreender que a coleta, a transcrição e a circulação de dados são atravessadas pelo mesmo dispositivo colonial que desde o período imperial seleciona, classifica e legitima determinadas vozes. Ao reconhecer tal historicidade, abre-se caminho para questionar os critérios técnicos normalmente naturalizados na constituição dos corpora audiovisuais.

Pensando na materialidade do vídeo-registro e as concepções que pautam a escrita acadêmica tradicional, denota-se que enquanto a escrita alfabética impõe uma linearidade sequencial ao pensamento — hierarquizando ideias em parágrafos e pontuação —, o vídeo-registro em Libras opera por camadas simultâneas de informação visual-espacial (Cardoso, 2016), desestabilizando a noção ocidental de "texto" como artefato grafocêntrico. Essa materialidade multimodal (Kress, 2010) (não apenas registra, mas performatiza a epistemologia surda) (Carneiro; Cruz, 2023), ao preservar expressões faciais, direcionalidade dos sinais e uso do espaço como camadas indissociáveis, desafia a fragmentação colonial imposta pela transcrição escrita, sem a mediação reducionista da transcrição escrita (Quadros, 2017). Por exemplo, um sinal como "LIBRAS" — que envolve movimento circular das mãos e configuração facial específica — perde sua riqueza semiótica quando traduzido para o português em legendas, pois a escrita verbal não captura sua dimensão cinésica. Essa limitação expõe a colonialidade embutida nos formatos acadêmicos tradicionais, que privilegiam a textualidade como único critério de rigor (Mignolo, 2011). No entanto, quando o vídeo-registro é concebido como gênero autônomo (Cardoso, 2016) — com glossários sinalizados e anotações visuais, ele documenta e performatiza o conhecimento surdo (Cardoso, 2016), deslocando a hegemonia do papel impresso para corpos que "escrevem" no espaço (Lopes; Barbosa; Oliveira, 2022; Wentzel; Do Amaral, 2019; Machado; Royer; Sutton-Spence, 2019).

Vídeo-registros em Libras podem ser entendidos como produtos semióticos que, enquanto capturam o corpo sinalizante diante de “lentes e luzes”, transformam-se em suportes de elaboração argumentativa comparáveis à escrita verbal, uma vez que substituem a linearidade alfabética por gramáticas visuais específicas como apontam Taveira e Rosado (2018). Quando graduandos, orientadores e intérpretes recorrem a essa modalidade para compor trabalhos acadêmicos, eles acionam um processo coprodutivo no qual roteirização, filmagem-rascunho, gravação em estúdio e edição constituem etapas equivalentes às de redação, revisão e diagramação de textos impressos. À medida que esses registros incorporam legendas, enquadramentos e metadados, configuram um

gênero acadêmico multimodal que exige critérios de autoria, citação e rodapé próprios, preservando rigor científico sem abdicar da performatividade sinalizada. Assim, os vídeo-registros materializam uma “surdo-memória” em expansão, porque possibilitam ao pesquisador surdo protagonizar a produção de conhecimento, repartindo com espectadores-leitores a experiência visual-espacial que fundamenta sua epistemologia (Carneiro; Cruz, 2023).

Nesse sentido, enquanto o vídeo-registro em Libras consolida-se tecnicamente, ele também se institui discursivamente como gênero acadêmico, na medida em que apresenta configuração formal recorrente (roteiro, glossário sinalizado, citações color-codificadas) e circula em espaços de validação científica (Taveira; Rosado, 2018; Silva, 2017). Se entendemos, com Quijano (2000), que a colonialidade organiza o conhecimento por hierarquias grafocêntricas, então reconhecer esse gênero significa deslocar tais hierarquias e instaurar outro regime de textualidade, onde planos, cortes e expressões faciais funcionam como marcadores coesivos equivalentes a parágrafos e pontuação. Conquanto Mignolo (2011) proponha o “delinking”² epistêmico, o vídeo-registro realiza essa ruptura ao permitir que a Libras seja língua-fonte e língua-alvo simultaneamente, dispensando mediação escrita para garantir legitimidade científica. Porque o suporte audiovisual incorpora decisões de autoria coletiva, transparência de metadados e protocolos éticos, ele concretiza a ecologia de saberes defendida por Santos (2014), transformando-se em espaço de justiça cognitiva onde a comunidade surda define seus próprios parâmetros de rigor e estilo (Ramos; Schiaffino, 2020; Taveira; Rosado, 2018; Silva, 2017).

Trazendo à tona Mignolo (2011), aprofunda-se essa crítica ao demonstrar que a modernidade ocidental possui um “lado escuro” inseparável da colonialidade, de modo que qualquer empreendimento científico, quando alinhado ao paradigma universalista, perpetua lógicas de exclusão. Conquanto proponha o “delinking” como gesto político-intelectual, Mignolo (2011) frisa que romper com a matriz colonial requer revisitar instrumentos metodológicos, já que os dispositivos de coleta e análise de dados carregam pressupostos eurocêntricos. Assim, ampliando a reflexão para o campo da Libras, nota-se que estudiosos da língua visuoespacial tendem recorrer a vídeo-registros,

² Mignolo (2011) utiliza *delinking* (“desvinculação”) para designar o gesto epistemológico de romper, parcial ou totalmente, com a matriz colonial de poder que sustenta a noção de conhecimento universal e eurocêntrico; trata-se de deslocar as categorias analíticas dominantes para criar marcos teóricos ancorados em histórias e práticas locais, abrindo caminhos para alternativas decoloniais.

nesse sentido torna-se essencial interrogar se as escolhas de enquadramento, edição ou legendagem reafirmam centralidades ouvinte-centradas. À medida que o pesquisador adota tal perspectiva, desponta a possibilidade de reinscrever o vídeo-registro como artefato de resistência epistemológica, transformando-o de mero repositório para locus de enunciação surda. Nesse sentido, a opção decolonial exige metodologias que, além de técnicas, sejam dialógicas, garantindo que as etapas de produção, curadoria e difusão do gênero se tornem processos de coautoria.

Seguindo essa trilha, Santos (2014) insere a justiça cognitiva no centro do debate, argumentando que nenhuma justiça social será plena enquanto persistir o epistemicídio, isto é, a eliminação sistemática de modos de conhecer subalternizados. Sempre que múltiplas ecologias de saberes dialogam, produz-se o que Santos (2014) denomina “tradução intercultural”, mecanismo que possibilita o encontro igualitário entre conhecimentos. Logo, pensar vídeo-registros em Libras sob essa ótica implica reconhecer que a filmagem, a descrição e o arquivamento compõem um ecossistema cognitivo onde disputas por legitimidade permanecem latentes. Porque instrumentos audiovisuais podem tanto capturar a riqueza cinésica da Libras quanto reduzi-la a fragmentos exotizados, torna-se urgente desenvolver protocolos que façam convergir perspectivas surdas e demandas acadêmicas. Dessa maneira, projetos de corpora que integrem revisão comunitária e transparência de metadados podem servir como práticas de justiça cognitiva, assegurando que o gênero reflita, de fato, a diversidade cultural e linguística do Sul global.

Ainda que Santos (2014) forneça arcabouço para a valorização de saberes periféricos, pesquisadores surdos ampliam a discussão ao conceberem as chamadas epistemologias surdas, nas quais a experiência visual-gestual ocupa o núcleo da produção de conhecimento. De modo mais situado, quando Vivian e Leonel (2021) analisam a Educação em Astronomia, demonstram que integrar epistemologias surdas às Epistemologias do Sul fortalece tanto a compreensão científica quanto o empoderamento cultural, pois desloca o ouvinte-centrismo ainda dominante em práticas pedagógicas. Paralelamente, Ramos e Schiaffino (2020) enfatizam como estéticas surdas desafiam cânones grafocêntricos, reivindicando espaços em publicações acadêmicas nos quais a Libras não seja meramente traduzida, mas reconhecida como língua autoral. Assim que tais perspectivas são aplicadas aos vídeo-registros, evidencia-se que enquadrar, editar e anotar sinais são atos políticos capazes de consolidar ou mitigar a supremacia textual. Por

consequente, uma abordagem decolonial deve incluir mecanismos de validação comunitária, garantindo que a comunidade surda determine critérios de autenticidade e representação.

Somando-se as contribuições de Quijano (2000), Mignolo (2011), Santos (2014) e dos estudos surdos (Ramos; Schiaffino, 2020; Taveira; Rosado, 2018; Silva, 2017), delineia-se um quadro analítico no qual o vídeo-registro em Libras deixa de ser visto como mero suporte tecnológico e passa a figurar como gênero acadêmico atravessado por correlações de poder. Sempre que pesquisadores adotam dispositivos audiovisuais sem atentar às suas dimensões coloniais, reafirmam filtros epistêmicos que privilegiam visões ouvinte-centradas; contudo, quando incorporam princípios de justiça cognitiva e coautoria surda, transformam o vídeo-registro em ferramenta de insurgência epistemológica. Como este artigo foca na produção desse gênero na Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras, mobilizaremos o arcabouço decolonial para examinar normas editoriais, templates e artigos publicados, demonstrando em que medida eles respondem, ou não, à exigência de pluralidade de saberes. Desse exame decorrerão diretrizes que pretendem orientar futuras submissões, de modo que a materialidade do vídeo reflita, efetivamente, a autonomia epistêmica da comunidade surda.

Linguística de corpus em Libras: panorama dos acervos audiovisuais e técnicas de anotação multimodal

Com a repercussão constante de textos multimodais nas práticas sociais, a compreensão de que as práticas de vídeo-registro em Libras reproduzem ou subvertem hierarquias coloniais na medida em que são mediadas por escolhas técnicas e discursivas, impõe-se, antes de mapear diretrizes editoriais, observar o terreno onde tais registros se fundam: os corpora audiovisuais. Se o arcabouço decolonial discutido na seção anterior evidenciou a urgência de delinking epistemológico e da consolidação de epistemologias surdas, então examinar como esses acervos são coletados, anotados e disponibilizados torna-se passo crucial para responder à pergunta central - de que modo as normas de publicação moldam a produção de gêneros acadêmicos em Libras? - e alcançar o objetivo declarado de analisar criticamente tais orientações. Enquanto essa seção retomará o panorama internacional e nacional dos bancos de dados em língua de sinais, delineará também as técnicas de transcrição multimodal que, por influenciarem a visualidade, a

temporalidade e a granularidade dos sinais, determinam até que ponto os pesquisadores conseguem, ou não, incorporar princípios de justiça cognitiva ao gênero corpus-vídeo.

Tratando de corpus, por mais que o British Sign Language Corpus (2014) continue servindo de matriz exemplar, à proporção em que equipes de pesquisa em diferentes continentes internalizam suas boas práticas (Johnston, 2012; Johnston et al., 2015) - metadados socioculturais padronizados, gravações de alta definição e licenças Creative Commons—surge uma constelação de acervos que dialoga entre si. Sempre que o Auslan Sociolinguistic Variation Corpus (Johnston; Schembi, 2006; Proctor; Cormier, 2023) adiciona elicitations³ narrativas e entrevistas multi-geracionais (Hodge; Goico, 2022), ele amplia a cobertura tipológica e torna possível comparar a distribuição de variantes fonológicas entre inglês sinalizado e Libras em situações semelhantes (Johnston; Schembi, 2009). Conquanto o DGS Corpus alemão invista em cronogramas longos para construir dicionários eletrônicos derivados, projetos mais recentes, como o europeu SignON⁴, preferem estratégias “ágil-incrementais” que integram dados à medida que comunidades surdas validam as versões preliminares dos modelos de tradução. Porque tais bancos agora expõem APIs de consulta SHACL-compliant⁵, pesquisadores de Libras podem reutilizar ontologias gestuais, sincronizar glossários no Global Signbank e assegurar interoperabilidade sem recodificar metadados, reforçando standards que ultrapassam fronteiras nacionais.

Enquanto o crescimento horizontal desses acervos garante diversidade linguística, um avanço complementar reside na sofisticação das ferramentas de anotação multimodal, visto que consórcios internacionais convergem para pipelines que conectam ELAN⁶,

³ *Elicitation* (plural *elicitation*s) é um termo técnico da linguística de campo que designa qualquer técnica de “puxar” dados linguísticos de um falante (ou sinalizante) de modo controlado, em contraste com gravações espontâneas (Hodge; Goico, 2022; Proctor; Cormier, 2023).

⁴ Disponível em: <https://signon-project.eu/about-signon/the-signon-project>. Acesso em: 30 abr. 2025.

⁵ **APIs de consulta SHACL compliant** referem-se as interfaces de programação (APIs) que seguem o padrão *SHACL* (*Shapes Constraint Language*), uma linguagem de validação para bancos de dados em formato RDF (usado em dados vinculados/*Linked Data*).

⁶ ELAN (EUDICO Linguistic Annotator): Software desenvolvido pelo Max Planck Institute para anotação multimodal de línguas de sinais, permitindo a marcação manual ou semiautomatizada de parâmetros linguísticos (ex.: configuração de mãos, expressões faciais, movimentos) em diferentes tiers (camadas temporizadas). Amplamente utilizado em corpora de Libras por sua flexibilidade na descrição de estruturas visuoespaciais.

iLex⁷ e frameworks de pose estimation⁸. Quando anotadores inserem ID-glosses em camadas dependentes, scripts em Python extraem “pré-anotações” espaciais, reduzindo o custo humano e permitindo que especialistas se concentrem em traços discursivos finos—por exemplo, ritmo corporal ou articuladores não manuais. Embora o reconhecimento automático esteja longe de dispensar validação comunitária, experimentos no DGS mostram que modelos híbridos CNN-Transformer alcançam alinhamentos sinal-a-texto acima de 80 % de F-score em domínios restritos (Moryossef, 2020). Se o SignON obtiver sucesso em sua interlíngua baseada em embeddings⁹, pretéritos desafios de compatibilidade lexical poderão ser resolvidos por meio de mapas semânticos compartilhados, permitindo que corpora de Libras entrem em ciclos virtuosos de enriquecimento recíproco com bases europeias e oceânicas.

Conforme Quadros e Abreu (2017) mostram na concepção do Corpus Libras da UFSC, as variantes regionais gravadas em estúdio e em campo são organizadas em camadas hierárquicas que incluem dados sociobiográficos, transcrições glossadas e metadados de situação comunicativa. Ainda que esse repositório se concentre no Sul, iniciativas replicadas dentro do Inventário Nacional de Libras—por exemplo, o Acre Libras Inventory apresentado por Quadros e Sousa (2021)—demonstram que protocolos padronizados podem ser aplicados em contextos amazônicos, sertanejos ou litorâneos sem perda de comparabilidade. Conquanto cada estado precise adequar cronograma e logística de coleta à sua realidade sociolinguística, os pesquisadores mantêm compatível a arquitetura de dados segundo o modelo ELF (Entity–Link–Frame), o que viabiliza consultas federadas no Global Signbank. Desse modo, à proporção que inventários locais se integram a um hub nacional, torna-se viável avaliar a distribuição de

⁷ Ferramenta para gerenciamento de léxico em línguas de sinais, associando anotações do ELAN a entradas lexicais padronizadas (ex.: ID glosses). Facilita a construção de dicionários eletrônicos e a análise de frequência de sinais, sendo adotada em projetos como o British Sign Language Corpus.

⁸ Sistemas de visão computacional (ex.: MediaPipe Pose, OpenPose) que detectam automaticamente coordenadas corporais (articulações, mãos, rostos) em vídeos. Usados para pré-anotação de sinais, reduzem o trabalho manual, mas exigem validação comunitária para evitar vieses algorítmicos (ex.: priorização de corpos ouvintes na calibração).

⁹ Embeddings são representações matemáticas (vetores numéricos) que codificam características semânticas ou estruturais de unidades linguísticas (como palavras, sinais de Libras ou expressões faciais) em um espaço multidimensional. Vale salientar que se treinados em corpora majoritariamente ouvintes, embeddings podem reforçar hierarquias epistêmicas (ex.: priorizar variantes urbanas de Libras em detrimento de dialetos periféricos).

variantes fonológicas e lexicais em escala continental, ao mesmo tempo que se preserva a autonomia comunitária na curadoria dos acervos.

Embora as línguas de sinais sejam intrinsecamente multimodais, a transcrição grafocêntrica tradicional, quando aplicada sem adaptações, tende a reduzir sua complexidade visuoespacial a representações lineares, conforme alerta Quadros (2016). À medida que o Corpus de Libras adotou o software ELAN para anotações em múltiplas trilhas sincronizadas, tornou-se possível preservar a simultaneidade dos parâmetros manuais e não-manuais, visto que cada camada registra aspectos específicos (configuração de mãos, expressões faciais e uso do espaço). Todavia, como a Libras carece de escrita convencional, o sistema de Identificadores de Sinais (IDs) foi desenvolvido para padronizar as glosas¹⁰, de modo que, embora mantenham referências ao português, os IDs evitam marcações flexionais que poderiam impor análises prévias. À proporção que esse método se consolidou, demonstrou-se eficaz para análises comparativas, posto que equilibra a necessidade de padronização com o respeito à natureza multimodal dos dados.

Porquanto as glosas em línguas orais apresentem limitações para representar sinais, conforme critica Johnston (1991), o sistema do Corpus de Libras minimiza esses problemas, uma vez que os IDs são vinculados diretamente aos vídeos originais no ELAN. À medida que os transcritores acessam o banco de Identificadores de Sinais, podem conferir não apenas a glosa padronizada, mas também imagens de referência e traduções, de sorte que se reduzam inconsistências interpretativas. Não obstante a eficiência do método, Quadros (2016) ressalta que a transcrição ainda demanda cerca de uma hora por minuto de vídeo, visto que exige validação comunitária e revisão por pares. Assim como ocorre em outros corpora internacionais, à medida que se avança na documentação, surgem novos desafios, como a incorporação de variantes regionais, de modo que o sistema permanece em contínuo aprimoramento para garantir tanto rigor científico quanto representatividade cultural.

À medida que os corpora de Libras se expandem nacionalmente, como demonstra o Inventário Nacional coordenado por Quadros (2016), evidencia-se uma tensão constitutiva entre padronização técnica e diversidade linguística. Embora o modelo ELF

¹⁰ As glosas são representações escritas de unidades lexicais (sinais) de uma língua de sinais, utilizando palavras de uma língua oral (como o português, no caso da Libras). Elas funcionam como rótulos convencionais para identificar sinais em transcrições, mas não são equivalentes a uma escrita direta da língua de sinais, pois não capturam toda a sua riqueza multimodal (Quadros, 2016).

(Entity-Link-Frame) garanta interoperabilidade entre acervos regionais - do Acre a Santa Catarina -, conforme detalham Quadros e Sousa (2021), a curadoria comunitária dos dados permanece essencial para que variantes periféricas não sejam subsumidas por padrões hegemônicos. À proporção que se desenvolvem pipelines automatizados (como os do SignON), é crucial que frameworks como o ELAN mantenham espaços para anotações manuais refinadas, visto que algoritmos de pose estimation ainda falham em capturar nuances culturais incorporadas nos sinais. Assim, conquanto a tecnologia acelere processamentos, somente a mediação crítica de pesquisadores surdos pode assegurar que a linguística de corpus não reproduza, em novo formato, antigas hierarquias epistêmicas.

Não obstante os avanços em anotação multimodal, persiste um desafio central, qual seja: como equilibrar a granularidade técnica com a justiça cognitiva nos corpora. Sempre que projetos como o DGS Corpus ou o British Sign Language Corpus desenvolvem novos protocolos, como APIs SHACL-compliant (Johnston et al., 2015), criam-se oportunidades para que acervos como o da UFSC integrem redes globais. Todavia, conforme adverte Quadros (2016), essa integração exige salvaguardas éticas - desde consentimento dinâmico até metadados culturais detalhados -, de modo que a interoperabilidade não implique apagamento de singularidades. À medida que o SignON experimenta com embeddings semânticos, por exemplo, é fundamental que tais modelos sejam validados por comunidades surdas locais, pois, como demonstram Hodge e Goico (2022), a distribuição de variantes fonológicas envolve não apenas parâmetros linguísticos, mas também históricos de resistência cultural.

Conquanto o Corpus Libras tenha alcançado maturidade metodológica, sua consolidação como instrumento decolonial depende de superar três desafios interligados, conforme sugerem os estudos críticos revisados. Primeiro, à proporção que se automatizam anotações (via MediaPipe ou CNN Transformers), deve-se garantir que a validação humana permaneça central, visto que expressões faciais e classificadores manuais carregam significados culturais irreduzíveis a coordenadas numéricas. Segundo, sempre que se adotam standards internacionais, como o Global SignBank, é preciso adaptá-los às epistemologias surdas locais, de sorte que metadados registrem não apenas dados sociolinguísticos, mas também contextos históricos de marginalização. Por fim, à medida que a Libras ganha espaço acadêmico, os próprios critérios de "rigor" em corpora devem ser reavaliados, posto que a justiça cognitiva exige reconhecer formas surdas de produção e validação do conhecimento.

Considerações finais

A revisão demonstrou que os vídeo-registros em Libras operam em um campo de tensão epistemológica irreduzível: sua materialidade multimodal (expressões faciais, direcionalidade espacial, simultaneidade gestual) desafia radicalmente os paradigmas grafocêntricos da academia, ao mesmo tempo em que sua institucionalização como gênero acadêmico permanece condicionada por estruturas colonialistas de validação. As análises revelaram como os protocolos técnicos – da anotação em ELAN à construção de corpora – carregam em si essa contradição fundante: são simultaneamente ferramentas de documentação linguística e artefatos políticos que podem tanto reforçar hierarquias (através da padronização de variantes ou da mediação escrita) quanto potencializar insurgências (quando adotam princípios de justiça cognitiva e autoria surda). O arcabouço decolonial, articulado com as epistemologias surdas, mostrou-se essencial para desvelar essas dinâmicas, evidenciando que a própria noção de "rigor científico" aplicada aos vídeo-registros precisa ser ressignificada à luz de parâmetros visuoespaciais.

A produção e circulação de vídeo-registros desafiam as estruturas colonialistas quando reconhecem a Libras como língua autoral – não objeto de estudo –, incorporando três princípios fundamentais: (1) a curadoria comunitária dos corpora, que impede a apropriação extrativista de dados; (2) a adoção de metadados que registram não apenas parâmetros linguísticos, mas contextos históricos e geopolíticos de produção; e (3) o desenvolvimento de sistemas de citação visual que dispensam mediações escritas. Contudo, reproduzem colonialidades quando submetem esses materiais a exigências acadêmicas não adaptadas – como abstracts em inglês ou avaliações por pares não-surdos – ou quando ferramentas técnicas (algoritmos de anotação automática, modelos de IA) são treinados em padrões hegemônicos, invisibilizando variações periféricas. A transformação efetiva ocorrerá quando os vídeo-registros forem reconhecidos não como "dados" a serem transcritos, mas como performances intelectuais completas, capazes de redefinir os próprios critérios de legitimidade científica.

Essa análise evidencia que o vídeo-registro em Libras, quando compreendido a partir da perspectiva decolonial, transcende sua função documental para assumir um papel político-epistêmico radical. Ao deslocar o eixo grafocêntrico que historicamente marginalizou as línguas de sinais, essa prática materializa o conceito de delinking proposto por Mignolo (2011), criando espaços onde a produção do conhecimento surdo

pode florescer em seus próprios termos. Os protocolos decoloniais aqui discutidos - desde a validação comunitária até os sistemas de citação visual - não são meros ajustes metodológicos, mas gestos de insurgência contra a matriz colonial do saber. Eles confrontam o epistemicídio denunciado por Santos (2014) ao afirmar a Libras não como "objeto de estudo", mas como veículo legítimo de teorização acadêmica, desafiando a hierarquia quijianiana que reservava às línguas minoritárias apenas o status de dados a serem analisados pelas epistemologias dominantes.

Enquanto gênero acadêmico emergente, o vídeo-registro em Libras performatiza uma revolução silenciosa na comunicação científica. Sua estrutura não-linear, que integra glossários sinalizados, citações visuais e demonstrações espaciais, constitui uma forma distinta de argumentação intelectual - tão rigorosa quanto os textos escritos, porém fundamentada em gramáticas visuoespaciais próprias. Essa inovação genológica desafia as convenções acadêmicas tradicionais ao propor: novas formas de autoria coletiva (onde intérpretes, editores e sinalizantes compartilham créditos); sistemas alternativos de revisão por pares (baseados em comitês surdos); e critérios específicos de avaliação que valorizam a clareza sinalizada em detrimento da complexidade lexical escrita. Mais do que um novo formato, o vídeo-registro consolida-se como um contragênero - um espaço discursivo que não apenas se adapta à academia, mas a transforma a partir das epistemologias surdas.

Apesar dos avanços discutidos, esta revisão reconhece limitações significativas no campo emergente dos vídeo-registros em Libras como gênero acadêmico. Primeiramente, persiste uma escassez de pesquisas longitudinalmente que acompanhem o impacto real desses materiais na produção e circulação do conhecimento surdo, especialmente em contextos periféricos onde o acesso a recursos tecnológicos é limitado. Ademais, os próprios protocolos decoloniais aqui defendidos - como a curadoria comunitária e os sistemas de citação visual - carecem de padronização e reconhecimento institucional amplo, o que restringe sua adoção em larga escala. Para estudos futuros, sugere-se: (1) investigações comparativas entre diferentes modelos de avaliação por pares para vídeo-registros; (2) desenvolvimento de métricas alternativas de impacto acadêmico que contemplem a circulação em comunidades surdas (além das citações tradicionais); e (3) pesquisas-ação que testem modelos híbridos de publicação, onde versões escritas e sinalizadas coexistam em diálogo igualitário, sem hierarquia de modalidades. Esses

avanços serão passos para consolidar o vídeo-registro não como exceção tolerada, mas como paradigma legítimo na produção científica.

Referências

- CARNEIRO, Bruno Gonçalves; CRUZ, Cristiano Pimentel. Epistemologias surdas na formação de professores de Libras. **Docência e Formação**, p. 56, 2023.
- CARDOSO, Alexandre Bet da Rosa. **Vídeo registro em Libras: uma proposta de acesso ao pensamento original aos surdos**. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução: Florianópolis, 2016.
- HODGE, Gabrielle; GOICO, Sara A. Natural and elicited: Sign language corpus linguistics and linguistic ethnography as complementary methodologies. **Journal of Sociolinguistics**, v. 26, n. 1, p. 126-136, 2022.
- JOHNSTON, Trevor. Lexical frequency in sign languages. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, v. 17, n. 2, p. 163-193, 2012.
- JOHNSTON, Trevor; SCHEMBRI, Adam. Auslan Sociolinguistic Variation Corpus [recurso eletrônico]. Sydney: Macquarie University, 2006.
- JOHNSTON, Trevor et al. FINISH variation and grammaticalization in a signed language. **Language Variation and Change**, v. 27, p. 117-155, 2015.
- LOPES, Shisleny Machado; BARBOSA, Nayara Macedo Coelho; OLIVEIRA, Luzir de. Análise de poesia em Libras com base na teoria de experiência estética de Jauss. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, 2022.
- MACHADO, Fernanda de Araújo; ROYER, Miriam; SUTTON-SPENCE, Rachel. Estrutura de poesia em Libras na antologia. In: **Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras**. Edição nº 004/2019. [Artigo em Libras publicado em vídeo, 22m21s]. Florianópolis: UFSC, 2019.
- MIGNOLO, Walter D. **The darker side of Western modernity: global futures, decolonial options**. Durham: Duke University Press, 2011.
- MORYOSSEF, Amit. Developing Real-Time, Automatic Sign Language Detection for Video Conferencing. **Google Research Blog**, 1 out. 2020.
- PROCTOR, Heidi; CORMIER, Kearsy. Sociolinguistic variation in mouthings in British Sign Language. **Language and Speech**, v. 66, n. 2, p. 412-441, 2023.
- QUADROS, Ronice Müller de; ABREU, Antônio Campos de. **Corpus Libras: inventário de Libras do Acre**. Florianópolis: UFSC, 2017.
- QUIJANO, Aníbal. Coloniality of power and Eurocentrism in Latin America. **International sociology**, v. 15, n. 2, p. 215-232, 2000.

RAMOS, Denise Cristina Marçal; SCHIAFFINO, Rafael Santiago (orgs.). Por uma epistemologia das estéticas surdas. **Revista Espaço**, n. 53, p. 15-18, 2020.

RWTH Aachen University. **Automatic Sign Language Recognition (ASLR)**.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologies of the south: justice against epistemicide**. Boulder/London: Paradigm Publishers, 2014.

SIGNON PROJECT. **About SignON**. SignON Project, [202-]. Disponível em:

<https://signon-project.eu/about-signon/the-signon-project>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SILVA, Rodrigo Custódio. Produções acadêmicas em Libras como ferramentas de política linguística. **Revista Leitura**, n. 58, p. 107-123, 2017.

TAVEIRA, Cristiane Correia; ROSADO, Luiz Alexandre da Silva. Monografar em Libras: buscando padrões de escrita em vídeo-registros acadêmicos. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 6, n. 12, p. 498-529, 2018.

VIVIAN, Elisa Cristina Pará; LEONEL, Ariane Aparecida. Educação em Astronomia para pessoas surdas. **Revista de Enseñanza de la Física**, v. 33 (extra), p. 645-653, 2021.

WENTZEL, Karin Lisiane; AMARAL, Caroline Bohrer do. Poesia em Libras: expressão e compreensão a partir de vídeos. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, v. 17, n. 3, p. 679-688, 2019.